

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Ana Carolina Silva Costa
193837

**A compreensão de estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e
Culturas da Escrita (EP471) sobre o conceito de alfabetização e as
possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças das séries
iniciais.**

**CAMPINAS – SP
2022**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Ana Carolina Silva Costa

193837

A compreensão de estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP471) sobre o conceito de alfabetização e as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças das séries iniciais.

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, sob orientação da Prof^a Dr^a Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto.

CAMPINAS – SP

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C823 Silva Costa, Ana Carolina, 1999-
A compreensão de estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP471) sobre o conceito de alfabetização e as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças das séries iniciais / Ana Carolina Silva Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Cláudia Beatriz de Castro Nascimento Ometto.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Alfabetização. 2. Linguagem. 3. Formação de Professores. I. Ometto, Cláudia Beatriz de Castro Nascimento, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciatura

Data de entrega do trabalho definitivo: 07-12-2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que me ajudaram nessa difícil, mas gratificante jornada acadêmica.

Em especial à minha orientadora, a professora Cláudia Ometto, que foi incrível em sua orientação e paciência, que me acolheu e me ajudou em minhas crises de ansiedade me mostrando que eu consigo escrever. Me ensinou as inúmeras funções da linguagem escrita, como isso pode ser prazeroso e como ela pode auxiliar no aprendizado, auto acompanhamento e autoconhecimento.

A minha melhor amiga Bruna Bertolini, presente da universidade, que foi muito importante nessa jornada que enfrentamos juntas, sempre auxiliando uma à outra quando precisávamos. Obrigado Bruna por sempre me ajudar quando eu estava sem forças e por poder confiar que sempre posso contar com você.

Agradeço aos professores que acreditaram em mim durante todos meus anos como estudante, em destaque à professora Edileuza Silva, que me acolheu durante uma fase difícil da minha vida e me incentivou a estudar na UNICAMP.

À UNICAMP e a Faculdade de Educação, com todos os seus docentes, discentes e funcionários que me proporcionaram uma experiência incrível de vida durante esses cinco anos.

Aos meus pais que acreditaram em mim e me incentivaram. E a minha psicóloga que ajudou a me sentir muito melhor com quem eu sou e acreditar na minha capacidade.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a compreender como os estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471 - Turma B) do primeiro semestre letivo do ano de 2022 elaboraram o conceito de alfabetização e decorrente dessa compreensão, como consideram as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças das séries iniciais. As análises foram feitas a partir do estudo das concepções de linguagem de Geraldi (2011) e das concepções de alfabetização (tradicional, construtivista e discursiva) bem como pela perspectiva assumida neste trabalho, a alfabetização como prática discursiva, cunhada por Smolka (2012). Para a realização desse trabalho foram entrevistados alguns estudantes da disciplina no início e no final do semestre, de modo a serem analisados os enunciados dos estudantes acerca de suas elaborações sobre as concepções de alfabetização a partir dos estudos empreendidos. Os dados nos permitem afirmar que a disciplina foi essencial para a formação desses estudantes pois compreenderam a linguagem e a prática de alfabetização para além de uma perspectiva mecanicista e/ou biologizante suas formas de uso e de ensino, quando a maioria concebia apenas a concepção da linguagem como código.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Alfabetização. 2. Linguagem. 3. Formação de professores.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO I – A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO TRADICIONAL	14
1.1 HISTÓRIA DO ENSINO TRADICIONAL E SEUS MÉTODOS NO BRASIL	17
CAPÍTULO II - A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVISTA.	21
2.1. INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO	23
CAPÍTULO III – A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO E A CONCEPÇÃO DISCURSIVA DE ALFABETIZAÇÃO	26
CAPÍTULO IV- A COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA PARA AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS	31
4.1. PERCEPÇÕES INICIAIS SOBRE O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO	32
4.2. PERCEPÇÕES FINAIS SOBRE O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO	35
4.3. POSSIBILIDADES DE ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA PARA AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS	37
4.4. CONCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE LÍNGUA ENQUANTO SISTEMA	39
4.5. CONCEPÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE A POTÊNCIA DA LITERATURA PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	41
4.6 IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR PARA OS ESTUDANTES.	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	46

INTRODUÇÃO

Desde a minha infância meus pais sempre me diziam o quanto o estudo é importante na vida das pessoas para ser “alguém” na vida. Alguns desses motivos são: meu pai quando era criança não teve a oportunidade de ir à escola pois necessitava trabalhar desde sempre, dia e noite, necessitando, na infância, até de pagar aluguel para seu pai. Depois de adulto se mudou com alguns colegas para Campinas em busca de uma vida melhor. Nesse momento foi quando ele teve que voltar a estudar por necessidade. Além da dificuldade de fazer as entrevistas e preencher os formulários era requisitado pelas empresas o diploma de conclusão do Ensino Básico. Até os dias de hoje, por mais que ele até que compreenda bem, ele lê com muita dificuldade e escreve com muitos erros.

Por outro lado, o pai da minha mãe sempre valorizou muito os estudos e não quis que ela trabalhasse enquanto não terminasse o Ensino Médio. Ela era a melhor aluna da sala e depois ainda fez um curso Técnico em Contabilidade. Entretanto, lá em Minas onde ela morava, não havia muitas oportunidades de emprego na área dela. Depois que ela se casou com meu pai se mudou para Campinas também, passou mais de 10 anos sendo dona de casa, cuidando de mim e do meu irmão, porém depois disso ela passou em dois concursos e passou no vestibular. Hoje ela é funcionária da prefeitura de Campinas.

Também na minha infância eu adorava ajudar os colegas a fazer as atividades e desde pequena criticava o ensino da rede Estadual de São Paulo. Na minha escola tinha crianças na 4ª série que ainda não sabiam ler nem escrever. Em algum momento me lembro que precisei ensinar a matéria que a professora deveria ensinar, pois ela mesma parecia não saber, e era uma senhora de mais de 60 anos.

Sempre me interessei muito pela alfabetização. Quando eu viajava para Minas, visitando minha família, adorava ir à casa das minhas tias que eram professoras, ver seus materiais, brincar, até cheguei a participar de uma aula. E me lembro que a metodologia de alfabetização delas era totalmente diferente da que era utilizada comigo na escola. Enquanto eu aprendia só as letras de forma, lá eles aprendiam por meio da Cartilha Caminho Suave e nem me lembro como

foi meu processo de alfabetização na escola. Somente lembro dos meus pais me ajudando (inclusive acredito que meu pai aprendeu muita coisa somente para me ensinar). Me lembro de digitar as letras no meu laptop da Xuxa e fazer de conta que era um computador de verdade.

Nunca me incentivaram a escrever na escola, somente me recordo de redações sobre as férias em que a professora não se preocupava com o que eu queria dizer, mas sim em corrigir ortograficamente o que eu havia escrito.

No livro: *Minhas férias, pula uma linha, parágrafo*, de Cristiane Gribel (1999), acontece a mesma coisa com o protagonista da história. Ele volta das férias e a primeira coisa que pedem para ele na escola é que escreva 30 linhas sobre suas férias. Naquele momento, o menino já sabia que a professora não estava nem um pouco interessada em saber o que eles tinham feito nas férias, mas de avaliar o domínio da norma-padrão da língua. Foi exatamente isso o que ela fez, e em nenhum momento se preocupou com o sentido que existia no que estava escrito para o menino. Isso faz com que algo tão bom para ele, as férias, se torne preocupações e forma de castigo.

Segundo Geraldi, 2004, os professores estão preocupados com a metalinguagem de análise da língua, mas acabam deixando de lado o ensino do uso da linguagem em situações concretas de interação. Isso é exatamente o que acontece no livro de Gribel, pois a professora além de não considerar a escrita do menino como forma de interação, quando avalia a redação da criança, pede que ele faça a análise sintática da frase: “Eu fiz um golaço tão grande que até furou a rede e estilhaçou, em mil pedaços, a janela do vizinho”, de forma que essa análise, importante em um segmento mais adiantado da escolarização, não fazia nenhum sentido para ele.

Meus professores do Ensino Fundamental me apoiaram e me ajudaram muito e consegui passar em uma ETEC. Lá eu fazia curso técnico em Eletrônica e Ensino Médio. Estudava em período integral e como essa escola era muito melhor que minha anterior eu sentia muita dificuldade comecei a ter depressão e crises de pânico, de forma que eu não consegui ir para a escola por dois meses. Mas foi lá que eu percebi que eu gostaria de ser professora, porque vários professores viam-nos como uma figura importante no processo de Ensino e Aprendizagem. Mas o conteúdo era sempre voltado para o vestibular, inclusive as atividades de leitura e escrita.

No terceiro ano comecei a fazer Iniciação Científica pelo IFSP, junto com meu projeto de Conclusão de Curso. Paralela à pesquisa, eu e meus colegas precisávamos ensinar programação às pessoas da comunidade. Entretanto, era uma comunidade carente e muitas crianças e adolescentes não sabiam ler ou escrever. Então, eu e outra bolsista nos juntamos para dar um reforço escolar para eles. E com isso descobri que gostaria de ser Pedagoga e comecei a me apaixonar por alfabetização.

Já no primeiro ano de Pedagogia eu tive contato com uma turma de primeiro ano sendo alfabetizada pelo PIBID. Mas também não me recordo de nenhuma prática de escrita, somente de cópia, leitura e interpretação de texto.

No meu segundo ano de curso, eu comecei um estágio remunerado em uma escola da Prefeitura de Campinas. Lá eu acompanhei uma turma de 1º e outra de 2º ano em que estudavam alunos surdos e ouvintes. Acabei aprendendo um pouco da língua de sinais junto com as próprias crianças. E nessa escola sim eu achei que as crianças estavam sendo alfabetizadas efetivamente porque eles não podiam se comunicar com todos falando. Ou elas se comunicavam pela LIBRAS, ou pela linguagem escrita. Lá era incentivado a escrita como forma de comunicação e como forma de registro. Nesse sentido podemos perceber a língua como lugar de interação entre sujeitos (GERALDI, 2004), pois eles aprendiam com a professora, entre pares e criavam sentidos entre si, compartilhando suas culturas e vivências.

Quando estava no meu quinto semestre, cursei a disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita com a professora Cláudia Ometto, que apesar de não ter sido como o planejado, pois aconteceu no início da pandemia de COVID-19, foi muito importante para a minha formação pois aprendi as diferentes concepções de linguagem e metodologias de alfabetização.

É importante destacar também, que durante os dois primeiros meses do semestre fui estagiária de uma escola católica tradicional em que não me identificava com os métodos utilizados. Eles usavam um livro muito similar a uma cartilha, que ensinava as letras em sequência alfabética e exercícios de relacionar a letra ao som, porém nada relacionado à vida das crianças. Todo material era pronto e as crianças eram cobradas da mesma forma, mesmo estando em níveis diferentes.

Logo percebi que não concordava com aquela metodologia e que não era ensinada a linguagem escrita em todos os seus aspectos e com toda sua importância, visto que só era ensinado seu código e não sua utilização para comunicação e interação entre sujeitos.

No momento em que decidi fazer esse trabalho de conclusão de curso sobre alfabetização sob a orientação da professora Cláudia, tive a ideia de me disponibilizar para ser PAD da disciplina de alfabetização que havia cursado no meu quinto semestre. Pensei que me traria muitos benefícios como: poder cursar a disciplina novamente, mas de forma presencial, poder estudar o tema da minha pesquisa

Logo, sendo a aprendizagem da linguagem escrita um processo plural, o tema do presente trabalho é a concepção do processo de alfabetização dos alunos de Pedagogia da UNICAMP que cursaram a disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471 - Turma B) com a professora Cláudia Ometto, durante o primeiro semestre do ano de 2022.

Analisar isso é importante de forma que esses estudantes se tornarão futuros professores que participarão do processo de alfabetização de seus alunos e para isso devem compreender diversos aspectos da linguagem escrita. Nesse sentido, esse trabalho leva em consideração a linguagem como processo de interação, pois segundo Gerald, 2004, “[...] a linguagem é o lugar de constituições de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos”.

Essa pesquisa tem como **objetivo** compreender como os estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471 - Turma B) do primeiro semestre letivo do ano de 2022 elaboraram o conceito de alfabetização e decorrente dessa compreensão, como consideram as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças das séries iniciais. Procederemos as análises a partir do material estudado no curso bem como pela perspectiva assumida neste trabalho, a Alfabetização Discursiva, cunhada pela professora doutora Ana Luiza Smolka.

Para a realização desse trabalho serão entrevistados alguns estudantes da disciplina no início e no fim do semestre, de modo que possa ser analisada a diferença de concepções de alfabetização desses estudantes a partir dos estudos empreendidos.

Eu não fui alfabetizada de maneira discursiva. Por mais que minha mãe lesse histórias para mim e tivesse me ensinado as letras quando eu era criança, no momento em que eu cheguei na escola nós não éramos alfabetizados utilizando livros de leitura e literatura. Não me lembro nem mesmo de ser utilizado algum livro didático ou cartilha, pois quando recebi uma cartilha, Caminho Suave, da minha tia que morava em Minas, minha mãe ficou muito contente, uma vez que, segundo ela, o ensino daqui era muito fraco comparado ao outro estado.

Da mesma forma, era utilizado métodos sintéticos¹, logo eu não sentia que estava aprendendo de forma efetiva. Para mim, sempre foi algo chato e principalmente assustador. Nunca gostei de ler e escrever porque sempre vi como obrigação, como algo sem sentido, hoje sei que naquela época esse vazio de sentido vinha atrelado a uma perspectiva de linguagem como instrumento de comunicação e não como forma de interação (GERALDI, 2004). Eu sempre lia no intuito de aprender algo, ou escrevia para ser avaliada. Quando eu preciso ler ou escrever algo muito longo, ainda hoje me angustia e me assusta, sinto que quando leio preciso entender tudo o que o autor quis passar e quando escrevo que devo suprir as expectativas do meu leitor.

No presente trabalho venho descobrindo principalmente como a escrita pode ser uma forma de interação muito relevante na vida dos sujeitos, inclusive para comigo mesma. Para escrever tenho pensado: faz sentido, escrevo, leio, vejo se faz sentido com aquilo que já foi escrito, esse tem sido meu processo criativo hoje. E assim vou criando meu próprio conhecimento, e quanto mais eu leio o que eu escrevi, ou o que os outros escreveram, mais dúvidas eu tenho, o que faz com que eu leia mais e registre todo esse longo caminho em busca de respostas. Nesse sentido, venho tentando parar de pensar em como vou encher tantas páginas com o que esperam de mim e sim na escrita como minha voz, algo mais importante para mim do que para os outros.

Nesse sentido, o presente trabalho tem uma perspectiva de “proposta político-pedagógica de alfabetização como processo discursivo [potencializar] a

¹ Os métodos sintéticos de alfabetização são métodos que partem da “parte” para o “todo”, como os que partem da soletração, dos sons das letras e dos sons das sílabas, são eles os métodos: alfabético, fônico e silábico (MORTATTI, 2006, p. 05)

função transformadora da linguagem, que é vista como uma forma interação no contexto escolar” (SMOLKA, 2000, contracapa)

É impossível pensar na alfabetização sem refletir sobre a linguagem, visto que a Alfabetização é o processo de aquisição da linguagem escrita. A linguagem segundo Savian, (2013, p.29) “é social, e sua principal função é a comunicação que possibilita a interação social. A comunicação é uma função básica, que permite a interação e a organização do pensamento”. Essa comunicação pode ser verbal, gestual, escrita. Ela é realizada de diferentes formas dependendo da ocasião. Posso me comunicar com a mesma pessoa por carta, por bilhete, por e-mail, por mensagem no celular, por uma foto ou pintura, de forma a utilizar diferentes linguagens. O interlocutor irá entender por estar em uma sociedade em que as pessoas se comunicam por essas diferentes formas. Logo, de acordo com a autora, a linguagem é constituída nas e das relações sociais e é por meio desta que o homem atribui sentido às coisas.

A linguagem escrita é um tipo de linguagem diferenciado das outras linguagens, pois não escrevemos exatamente o que pensamos ou falamos. Quando queremos escrever, organizamos nosso pensamento, registramos, lemos, analisamos se faz sentido e reescrevemos, de forma que esse processo nos ensina muito, visto que estamos sempre aprendendo e nos reinventando quando praticamos a escrita.

A linguagem escrita também serve para que nos comuniquemos com nós mesmos, quando fazemos um resumo de algo que estamos estudando, quando escrevemos algum bilhete, ou quando escrevemos uma carta ou um diário a nós mesmos “do futuro”.

Por estarmos em constante mudança devido aos aprendizados pelas relações sociais, a escrita se torna bela por podermos registrar e acessar novamente como já fomos e nos sentimos um dia. Logo, a linguagem escrita se torna um modo de nos acompanharmos.

Kramer, 2000, acredita que os professores devem ler a palavra do outro e se acompanhar pela escrita, mas que muitas vezes isso não acontece, pois eles têm medo da linguagem escrita devido à forma que a aprenderam. Desta forma, segundo a autora, a solução que é criada para ajudar a resolver esse problema é pensar a escrita e a leitura como experiência. A leitura como experiência é quando o leitor leva rastros do vivido do momento da leitura para

a vida posterior, tornando-a infinita. Isso permite pensar, ser crítico, relacionar o antes como o depois, entender a história, ser parte dela, continuá-la e modificá-la. Já a escrita como experiência é quando tanto o autor, quanto o leitor se constituem com ela e a partir dela, tanto aprendendo pelo ato de escrever, quanto aprendendo pela escrita do outro. Dessa forma, a autora mostra o quão importante é compreender leitura e escrita como experiência, pois estas contribuem para uma auto-reflexão crítica e principalmente para a formação dos sujeitos.

Logo, podemos ver o quão relevante é a linguagem para nossa constituição como sujeitos sociais. Como professores é parte de nosso dever/obrigação evidenciar aos estudantes em formação essa relevância da linguagem na constituição dos sujeitos, pois assim poderão mensurar a importância do ensino e aprendizado da linguagem escrita pelas.

Segundo Geraldi (2011) e Smolka (2012), é necessário que professores que trabalhem com a língua ou linguagem, tenham como eixo norteador perguntas como: como ensinar? quando? o quê? e principalmente: para quê? Pensando não só no que é “adequado” para seus estudantes, de forma que faça sentido para eles e aprendam de forma efetiva, mas, sobretudo, porque é essa dimensão discursiva da linguagem – que considera o outro, o interlocutor, que possibilita a produção de sentidos aos sujeitos.

Para Geraldi, descobrindo a resposta do “para quê” teremos um caminho para encontrar a respostas das outras questões, pois essa é a questão mais importante que está oculta em meio às outras. A esse “para que” está intrínseca uma opção política que segundo ele “envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade” (GERALDI, 2011, p.42) e a uma concepção de linguagem.

As concepções de linguagem foram fundamentalmente classificadas por esse autor, com base nos estudos bakhtinianos, como: linguagem como instrumento de comunicação; linguagem como expressão do pensamento e linguagem como forma de interação.

A partir do objetivo anunciado, a saber, compreender como os estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471 - Turma B) do primeiro semestre letivo do ano de 2022 elaboraram o conceito de alfabetização e decorrente dessa compreensão, como consideram as possibilidades de ensino

da língua escrita para as crianças das séries iniciais este trabalho será organizado em quatro capítulos.

No capítulo: A linguagem como instrumento de comunicação e a Alfabetização Tradicional tratarei como essas práticas são excludentes, pois o estudante deve seguir o que lhe é imposto e como não é levado em consideração a respeito da linguagem como interação entre sujeitos e a história do Ensino Tradicional e seus métodos no Brasil

O segundo capítulo: A linguagem como expressão do pensamento e a Alfabetização Construtivista, discutirá o trabalho de Emília Ferreiro, que propõe a aquisição da linguagem escrita como um processo de construção individual de conhecimento e a desmetodização desse processo e a institucionalização do construtivismo no Brasil.

O terceiro: A linguagem como forma de interação e a concepção discursiva de alfabetização, tratará de como Lev Vigotski, Alexander Luria e Ana Luiza Smolka, elaboram a importância da linguagem escrita, pois ela é criadora e constitutiva de conhecimento (SMOLKA, 2000, p. 57), e da importância do professor como mediador.

E o quarto: A compreensão dos estudantes sobre as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças dos anos iniciais que farei a análise das entrevistas que realizei no início e no final da disciplina.

CAPÍTULO I – A LINGUAGEM COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO E A ALFABETIZAÇÃO TRADICIONAL

A concepção de linguagem como instrumento de comunicação (GERALDI, 2011) ou a língua como estrutura (KOCH E ELIAS, 2008) compreende a língua como um conjunto de signos que se combinam de acordo com regras, capaz de transmitir ao receptor certa mensagem (GERALDI, 2011). Nesta concepção a linguagem é entendida somente como um código que transmite uma mensagem do autor que deve ser decifrada pelo interlocutor. Nesse sentido, o foco dessa concepção é o texto que é produto dessa codificação.

Segundo Koch e Elias (2008, p. 10), esta concepção corresponde à “de língua como código – portanto, como mero instrumento de comunicação – e de sujeito como (pre)determinado pelo sistema”. De forma que basta o conhecimento do código, para que o texto seja compreendido. Essa concepção de linguagem é a que mais circula socialmente e historicamente e a que tem sido mais ressaltada nos estudos de linguagem.

Para os professores que assumem a concepção de linguagem como instrumento de comunicação o ensino de alfabetização é considerado pela perspectiva tradicional uma vez que alfabetizar seria apenas ensinar o domínio do código da língua. O ensino é baseado em métodos através de exercícios e repetições para memorização do código.

Nesse processo o trabalho com a metalinguagem é muito utilizado, uma vez que se supervaloriza a importância às normas gramaticais em detrimento ao sentido produzido pelos estudantes. Sobre isso há um belíssimo exemplo no livro *Minhas Férias, pula uma linha parágrafo*, de autoria de Christiane Gribel (1999) que a professora pede para que seu aluno, em uma atividade escolar, conte como foi suas férias. Entretanto, a professora somente corrigiu os erros ortográficos e não deu a mínima atenção para o que de fato havia acontecido nas férias daquele menino/estudante. Isso o deixou muito decepcionado, pois ele realmente gostaria de receber uma réplica da professora sobre o que havia acontecido, criando um vínculo com ela a partir de seu texto. Infelizmente, o que ele recebeu em troca foram somente críticas acerca do sistema e da organização do sistema linguístico que não se relacionavam com sua história.

O ensino da metalinguagem para ele era tão frequente, que ele não se surpreendera com as críticas, pelo contrário, ele fazia esse exercício todo início de ano, de forma que odiava escrever por ser sempre criticado e aquilo não ter sentido para ele. Quando o diretor percebeu o quanto ele era bom em escrever, não se atentando muito aos erros ortográficos, pediu para que ele escrevesse mais, o menino pensou que o diretor estava querendo lhe punir pedindo para escrever mais. Segundo o estudante, aquele era o pior castigo que poderia receber pois seu texto não seria lido para réplicas, interlocução.

Outro belo exemplo, pode ser visto no livro: *Uma escola assim, eu quero pra mim* de Elias José (1993), em que o estudante Rodrigo se muda do sítio em que morava, para a escola de Ensino Fundamental na cidade. Esse era seu primeiro contato com a escola, visto que não havia cursado Educação Infantil. Ele estava cheio de expectativas para conhecer o mundo da cultura letrada. Quando ele conheceu a professora ficou muito triste, pois ela não permitia que seus alunos errassem. Quando isso acontecia ela brigava muito com eles e sempre implicava com o sotaque do interior de Rodrigo, de forma que o fazia repetir várias vezes corretamente, de acordo com a norma culta da língua. Seu conhecimento do interior não era valorizado na escola e o método de silabação utilizado pela professora não fazia sentido para ele. Dessa forma, foi se sentindo desanimado, triste, incapaz e burro. Ele ficou tão mal em sala de aula que tentou até fugir da escola.

Essa prática escolar foi a que vivi no meu ensino básico e isso resultou em uma grande dificuldade de escrita em meu percurso escolar, dificuldade que carrego até hoje na escrita deste trabalho.

Dessa forma, é possível perceber o quanto esse ensino traumático da linguagem escrita é frequente até hoje, aparecendo nas vivências das pessoas que sofrem pela dificuldade de ler e escrever e em diversas histórias infantis, demonstrando o quanto essas práticas são ineficientes.

Segundo Geraldi (2011), há uma dicotomia entre ensino da língua e ensino da metalinguagem, sendo que o ensino da língua considera as relações humanas, logo, não faz sentido o ensino da metalinguagem dominar o ensino de língua na educação básica, porque é necessário primeiro aprender a linguagem

em funcionamento para depois analisar suas regras. De acordo com Geraldi (2011, p.47)

Parece[...] que o mais caótico da atual situação de ensino de língua portuguesa em escolas de primeiro grau consiste precisamente no ensino, para que alunos que nem sequer dominam a variedade culta, de uma metalinguagem de análise dessa variedade – com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análise de problemas que mesmo especialistas não estão seguros de resolver.

O autor afirma o quanto esse tipo de ensino ainda é muito presente, quando diz que “a maior parte do tempo e esforço gasto por professores e alunos durante o processo escolar serve para aprender a metalinguagem” (GERALDI, 2011, p. 47). Um exemplo desse ensino, são os vários exercícios de conjugações verbais no caderno dos estudantes, sem que eles nem saibam o que significam esses tempos ou modos verbais.

Ainda refletindo sobre a Linguagem como Instrumento de Comunicação e no Ensino Tradicional, segundo Smolka (2016, p. 65)

A leitura e a escrita produzidas pela/na escola pouco tem a ver com as experiências de vida e de linguagem das crianças. Nesse sentido, é estéril e estática, porque baseada na repetição, na reprodução, na manutenção dos *status quo*. Funciona como um empecilho, um bloqueio à transformação e à elaboração do conhecimento crítico.

Diante do exposto é possível afirmar que o ensino tradicional só serve para ele mesmo e a concepção de linguagem como estudo do código e do sistema linguístico serve muito mais ao linguista do que aos estudantes uma vez que são baseados em repetição e memorização e pouco se relacionam com a vida dos sujeitos e com a linguagem em funcionamento. Parece-me, portanto, que não faz sentido para os estudantes das séries iniciais aprenderem algo que será utilizado tão apenas e somente na escola. Esse é o tipo de aprendizagem que serve apenas para avaliações que suprem a expectativa dos adultos, seja dos pais ou dos professores, resultando, muitas vezes, em traumas e dificuldades para que os estudantes elaborarem o conhecimento, no caso das

crianças para que aprendam a escrever com propósito comunicativo do qual espera-se uma réplica do leitor.

1.1 História do Ensino Tradicional e seus métodos no Brasil

Enquanto o Brasil era Império o aprendizado da leitura e escrita era para poucos, de forma não sistematizada em casa, ou de forma também precária nas poucas escolas do Império, chamadas “aulas régias”.

A partir da Proclamação da República em 1889, a educação ganha destaque. A escola se torna um lugar institucionalizado para o preparo das novas gerações de forma a atender os ideais republicanos, baseados na necessidade de instauração de uma nova ordem política e social e a universalização da escola se torna um instrumento de modernização e progresso (MORTATTI, 2006). Esses republicanos positivistas tinham como fundamento uma escola obrigatória, leiga e gratuita.

Neste momento, a leitura e escrita começaram a serem vistas como práticas ensináveis, em um ensino organizado sistemático e intencional, necessitando de profissionais especializados. Adquirindo a linguagem escrita, os estudantes descobrem um novo mundo, o mundo público da cultura letrada. Com esse mundo podem ser criadas novas relações sociais com os sujeitos, com nós mesmos, com a história e com todo o mundo.

O ensino tradicional hoje, de acordo com Mortatti (2006), é relacionado com um ensino que se concentra sistemática e oficialmente na questão dos métodos. Depois de um século de disputa entre qual seria o melhor método de ensino, foi se percebendo que o fator responsável pelo fracasso escolar da alfabetização é um ensino somente baseado no método.

Será apresentado adiante três momentos, dos quatro, que foram abordados por Maria do Rosário Mortatti (2006) e que mostram os conflitos entre os métodos de ensino da leitura e da escrita ao longo da história no Brasil.

O primeiro momento aconteceu nas décadas de 1880 e 1890, quando o Brasil ainda era Império e existiam as aulas régias. Estas aconteciam em prédios não ideais para o ensino, em salas adaptadas, em que os estudantes não eram classificados por nível de aprendizado e as aulas eram muito precárias.

Segundo Mortatti (2006), nesse momento eram utilizados métodos sintéticos, que são da “parte” para o “todo”. Estes métodos são: de soletração que parte do nome das letras; fônico, que parte do som das letras e da silabação que parte do som das sílabas.

Foi também nesse momento que foram criadas as primeiras cartilhas no Brasil, principalmente por professores fluminenses e paulistas, baseadas em sua experiência docente. Estas sendo fundamentadas pelos métodos de marcha sintética.

Em 1876, foi publicada a *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*, escrita por João de Deus, um poeta português. Esse ano foi muito importante para o ensino da linguagem escrita, pois diferentemente dos métodos utilizados anteriormente, João de Deus utiliza o método da palavração, que parte do princípio de ensinar a leitura das palavras, para depois analisar os valores fonéticos das letras (MORTATTI, 2006).

O método da palavração e a cartilha de João de Deus foram revolucionários para a época e extremamente difundidas aqui no Brasil, principalmente pelo professor da Escola Normal e positivista Antônio da Silva Jardim.

Nesse primeiro momento da história do ensino da leitura e da escrita há uma disputa entre os defensores do método “João de Deus” e os defensores dos métodos sintéticos. A partir desse momento ensinar a leitura metodicamente se torna uma nova tradição no Brasil.

O segundo momento se deu de 1890 até 1920. Ele se inicia com uma reforma na instrução públicas com base no novo método “revolucionário” analítico que tinha como objetivo ser modelo para os outros estados. Seu ponto de partida se deu pela reorganização da Escola Normal de São Paulo, pela criação da Escola Modelo do Carmo e do Jardim e Infância, de forma a instituir um sistema de ensino. (MORTATTI, 2000).

Então, os professores formados por essas escolas passaram a defender o método analítico e disseminá-los para o resto do Brasil, dessa forma, esse método foi institucionalizado e sua utilização se tornou obrigatória nas escolas públicas paulistas. Também, é no fim da década de 1910 que o termo “alfabetização” começa a ser utilizado (MORTATTI, 2006).

No momento em que a utilização do método analítico se torna obrigatório muitos professores se queixam da demora para obterem resultados, porém a obrigatoriedade se mantém até 1920.

Nesse segundo momento, a disputa entre os métodos era entre o novo e revolucionário método analítico e os antigos métodos sintéticos, em especial as cartilhas baseadas em silabação.

O terceiro momento aconteceu de 1920 a 1980. Este, deu início com a “Reforma Sampaio Dória”, que propunha a autonomia didática dos professores. Nesta época também, devido às novas demandas sociais e políticas aumentou a resistência dos professores ao método analíticos.

De forma a combinar os dois métodos e criar um ainda melhor, os professores começaram a utilizar o método misto (analítico-sintético, ou sintético-analítico), principalmente por acreditarem que fosse mais rápido e efetivo.

Entretanto, a disputa entre os métodos foi diminuindo gradativamente e foi aumentando a relativização da importância do método. Segundo Mortatti, isso:

“[...] decorreu especialmente da disseminação, repercussão e institucionalização das então novas e revolucionárias bases de psicológicas da alfabetização contidas no livro Testes ABC para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934), escrito por M.B. Lourenço Filho (2006, p. 9, grifos da autora).

Lourenço Filho tinha como objetivo mensurar o nível de maturidade biofisiológica essencial para aprender a ler e escrever, baseado nas teorias de condicionamento e dos estudos da função da linguagem Watson, Janet e Piaget (MORTATTI, 2000).

A partir desse momento, as cartilhas fundamentadas pelo método misto se tornam hegemônicas e são criados os primeiros manuais de professor para o auxílio do ensino. Também, começa a ser propagada a ideia de existir um período para o preparo das aulas.

Tendo em vista isso, o terceiro momento se dá pela disputa entre os defensores do método misto e entre os defensores do tradicional método analítico.

É importante ressaltar que durante os três períodos históricos do ensino Tradicional baseado no método, o ensino da escrita era somente uma questão de caligrafia e de tipo de letra, em que as práticas de ensino eram em sua maioria de cópia e de ditado e a leitura era vista como um ato de decodificação. Por mais que os métodos fossem diferentes, todos eles eram ensinados a partir de memorização e repetição, sem levar em consideração os outros aspectos da linguagem escrita, as vivências do estudante e se aquilo que era ensinado fazia sentido para ele. Logo, o foco do ensino é o texto, tal como Koch e Elias (2008) definem como sendo uma concepção de língua como código, ou linguagem como instrumento de comunicação (GERALDI, 2011).

Logo, pode ser visto que, apesar do ensino da linguagem como instrumento de comunicação ter se iniciado enquanto o Brasil ainda era Império, até hoje essa concepção é a mais influente no ensino da leitura e da escrita.

A seguir discutiremos a concepção de linguagem como expressão do pensamento.

CAPÍTULO II - A LINGUAGEM COMO EXPRESSÃO DO PENSAMENTO E A ALFABETIZAÇÃO CONSTRUTIVISTA.

Nos conceitos de linguagem como expressão pensamento (GERALDI, 2011) ou língua como representação do pensamento (KOCH e ELIAS, 2008) admite-se que aquilo que é dito, ou escrito de alguma forma foi antes pensado. A linguagem estaria subordinada ao pensamento, dessa forma, para essa concepção, quem não se expressa, não pensa (GERALDI, 2011). Segundo Koch e Elias (2008, p.09), “trata-se de um sujeito visto como um *ego* que constrói uma representação mental e deseja que esta seja “captada” pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada (grifos das autoras)”.

Nessa concepção o foco de atenção na leitura é o autor e suas intenções, visto que, ao leitor cabe um papel passivo, pois, para entendimento do texto, ele deve somente captar a representação mental do autor e suas intenções, não são levados em consideração os conhecimentos ou experiências prévias do leitor ou as relações sociais constituídas pela leitura, entre o autor, o texto e o leitor (KOCH e ELIAS, 2008).

Essa concepção de linguagem se relaciona com o pensamento construtivista de Jean Piaget. Para ele: “a linguagem só é acessível à criança em função dos progressos de seu pensamento” (PIAGET, 1975, p. 345 *apud* FONTANA e CRUZ, 1997). O autor acredita que existe uma função simbólica que dá a oportunidade de representação e desvincula a criança do contexto imediato. Dessa forma, a linguagem é vista como subordinada e como representação do pensamento.

Piaget não se ocupou especificamente do ensino da Linguagem Escrita, quem o fez foi sua colaboradora e orientanda Emilia Ferreiro. Ela é uma psicóloga e pedagoga argentina, doutora pela Universidade de Genebra. Ferreiro pensa na alfabetização como um processo psicogenético que tem início antes da criança frequentar a escola através dos meios culturais. Para a autora, a aquisição da linguagem escrita é um processo natural e evolutivo em que a criança passa por diversas hipóteses de escrita.

Em seus estudos, Emilia Ferreiro, tal como Piaget, utiliza o método clínico. Foram submetidas a sua pesquisa crianças de 4 a 6 anos de diferentes classes sociais, que não conheciam o sistema da língua escrita em que suas produções

espontâneas foram analisadas, de forma que escreviam como acreditavam que deveriam, elaborando suas próprias ideias sem a influência de ninguém (FERREIRO, 2001).

Emilia Ferreiro tinha como objetivo mostrar o papel ativo do sujeito no processo de elaboração individual da escrita, de forma que, a partir de suas relações com a escrita vai, de forma espontânea, elaborando e testando hipóteses de origem cognitiva (FERREIRO, 2001). O desenvolvimento dessas hipóteses acontece de maneira concomitante e dependente do desenvolvimento da inteligência da criança.

Diferentemente da Alfabetização Tradicional, na psicogênese o sistema de escrita não é simplesmente aprendido, ele é formado do conjunto de relações que são construídas e reinventadas pela criança. A autora cria uma teoria de que nada está acabado, mas está sendo construído pela interação do indivíduo com o meio físico e social e não oferece uma solução pronta para o ensino da Linguagem Escrita, para ela o adulto não deve intervir no aprendizado, seu papel é somente o de criar conflitos cognitivos e condições estimulantes para que a criança aprenda por si mesma e os erros são considerados construtivos (FERREIRO, 2001). Enquanto na Alfabetização Tradicional o código é o centro do aprendizado da escrita, na psicogênese é a criança.

Segundo Savian (2013), o construtivismo de Ferreiro, com base na Epistemologia Genética, tem o objetivo de conhecer em que circunstâncias a genética se desenvolve, como as crianças aprendem, como constroem e estruturam o conhecimento. Tal como a própria autora explicita, a aprendizagem da linguagem escrita a criança passa por três fases (FERREIRO, 2001). Duas delas se encontram enquanto a criança está na hipótese pré-silábica: distinção de desenho e escrita; e diferenciação quantitativa e qualitativa dentro da escrita produzida e entre as escritas produzidas.

Na terceira fase acontece a fonetização da escrita, em que a criança consegue perceber as relações entre a fala e a escrita. Nessa fase a criança passa pelas seguintes hipóteses de escrita: silábica, podendo ser com ou sem valor sonoro, em que a criança começa a perceber as relações entre a escrita e os sons da linguagem; a hipótese silábica, período de transição em que a criança utiliza de forma simultânea à hipótese silábica e o princípio alfabético, quando a criança percebe que uma letra por sílaba não é o suficiente e hipótese alfabética,

em que a criança passa a perceber a equivalência entre grafema e fonema (letra escrita e som pronunciado, respectivamente) (FERREIRO, 2001).

A autora tinha o objetivo de criar uma revolução conceitual. Para ela, criar um método pronto, aplicá-lo e esperar determinado resultado não resolve os problemas, pois segundo ela: “[...] então deveríamos aceitar que os métodos (como seqüência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não práticas rituais ou conjunto de proibições. O método não pode criar conhecimento (FERREIRO, 2001, p.30).

Emília critica o modo tradicional de considerar a escrita infantil, em que só é dada atenção aos aspectos gráficos da escrita e pouca atenção, o que para ela é mais importante, aos aspectos construtivos, que se relacionam com o que a criança quis representar. De acordo com a autora, criança não é uma tábula rasa e já chega na escola com conhecimentos prévios que não são levados em consideração na escola e as crianças precisam de autorização para aprender.

É o discurso dessa concepção de alfabetização que está presente desde os anos 80 até os dias atuais.

2.1. Institucionalização do construtivismo

No início da década de 1980, o Brasil estava em um momento muito difícil, estava acontecendo a ditadura militar, havia uma grande pressão pela abertura política, pela volta da democracia e pela reorganização das instituições de forma democrática. Dessa forma, pesquisadores perceberam que os problemas educacionais também envolviam aspectos políticos, econômicos, sociais e pedagógicos. Esses pesquisadores se apoiavam de maneira majoritária na teoria marxista e eram de diferentes áreas de conhecimento, principalmente da: filosofia, história, sociologia e educação (MORTATTI, 2000).

Logo, as denúncias do fracasso escolar e elevadas taxas de analfabetismo se tornam insustentáveis, principalmente entre as crianças pobres e o passado recente do Brasil passa a ser responsabilizado pelos problemas atuais. Para que esses problemas fossem superados, era necessário que fossem novos criados modelos. Esses novos modelos foram a implementação do Ciclo Básico de Alfabetização e a institucionalização do construtivismo pela

disseminação dos trabalhos de Emilia Ferreiro que fazia uma ruptura com o pensamento e as práticas tradicionais de alfabetização (MORTATTI, 2000).

Logo, o construtivismo se tornou o discurso oficial da Secretaria de Educação de São Paulo e passou a ser difundido nos cursos, palestras, seminários e publicações para formação de professores, pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE). A partir daí vai acontecendo uma desmetodização (MORTATTI, 2006) de ensino e a busca de uma alfabetização efetiva e emancipatória.

Nesse cenário, o eixo de discussão desloca-se dos métodos de ensino, para o processo de aprendizagem da criança (MORTATTI, 2006). Mas, para os professores alfabetizarem de acordo com o construtivismo eles precisavam abandonar o que aprenderam e suas práticas, pois esse novo tipo de alfabetização pensa a aprendizagem de uma forma totalmente diferente, com isso, os professores se sentiam muito perdidos, sem saberem o que ensinar, como trabalhar sem método, qual o papel deles e que material poderia substituir a cartilha (MORTATTI, 2000).

Desse modo, iniciou uma disputa entre os partidários do construtivismo e os partidários dos métodos tradicionais (majoritariamente misto ou eclético). Porém, nesse momento, ainda em curso, o discurso institucional sobre o construtivismo se torna hegemônico em nível nacional, que pode ser visto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Ao mesmo tempo que o construtivismo estava sendo institucionalizado, em 1985, foi instituído pelo Presidente José Sarney, o Programa Nacional do Livro Didático, que distribuía livros para todos os alunos do primeiro grau. Nos manuais distribuídos para os professores para ajudar na escolha do livro didáticos estavam cartilhas tradicionais, junto às cartilhas “construtivistas” (MORTATTI, 2000). Todavia, essas cartilhas não são construtivistas, pois o construtivismo nega a validade de qualquer método.

Dessa forma, esse último momento foi revolucionário pela tentativa de superação da técnica, da reprodução e memorização, em que a alfabetização se torna um campo de estudo específico e autônomo e que principalmente pela alta divulgação e institucionalização do construtivismo, coloca como foco o aluno e como ele aprende. Entretanto, devido às dificuldades que o construtivismo traz, as experiências na sala de aula não conseguiram acompanhar a teoria,

principalmente pelo aluno aprender sozinho e o professor não poder, deliberadamente, ensinar.

O próximo capítulo tratará a linguagem como forma de interação e a concepção interacionista de alfabetização, com o intuito de apresentar a importância das relações sociais constituídas pelo sujeito na aquisição da linguagem, que não são levadas em consideração na linguagem como representação do pensamento e na concepção construtivista de alfabetização.

CAPÍTULO III – A LINGUAGEM COMO FORMA DE INTERAÇÃO E A CONCEPÇÃO DISCURSIVA DE ALFABETIZAÇÃO

Na linguagem como forma de interação (GERALDI, 2011) ou concepção interacional (dialógica) da linguagem compreende que a língua, ainda que seja um sistema, é mais que um código, ou representação do pensamento, ela é o lugar de interação humana, em que sujeitos criam conhecimentos próprios e afetam-se reciprocamente.

Segundo Koch e Elias na concepção interacional ou dialógica (2008, p. 10 e 12): “[...] os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos (inter)ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar de interação e da constituição dos interlocutores”. Logo, o sentido é produzido na interação entre os sujeitos a partir do texto. Nessa concepção, o conhecimento construído não é só pelo texto, mas também pelos conhecimentos anteriores dos interlocutores em relações sociais.

Nessa concepção de linguagem não existe um único sentido a ser dado pelo texto. Enquanto na concepção de linguagem como instrumento de comunicação só é considerado um único sentido que é o resultado da decodificação do texto e na concepção da linguagem como concepção de representação do pensamento o único sentido é aquilo que o locutor transmitiu ao interlocutor, na linguagem como forma de interação diferentes sentidos podem ser produzidos sobre um mesmo texto, independente se foi aquela a intenção do autor. Isso acontece devido as particularidades daquele interlocutor, suas preferências, seus conhecimentos, suas vivências.

Como será visto a seguir, para Vigotski, um psicólogo que acreditava ser a linguagem constitutiva do pensamento, os sentidos que damos às coisas se relacionam com a cultura que estamos inseridos, com as relações sociais que tivemos ao longo de nossa vida. Um exemplo disso são palavras que representam significados diferentes, em diferentes partes do país, como: cacetinho, pão de sal, carioquinha, pão francês; mandioca, aipim, macaxeira, maniva, castelinha, entre outros. Ou ainda palavras iguais com significados diferentes como: “lapiseira”, que pode significar apontador e “passeio” que pode significar calçada. Isso também acontece em diferentes áreas de trabalho ou estudo, onde existe uma linguagem técnica que é desconhecida para quem não

é daquele meio. Para o autor, as pessoas só aprendem pelas relações sociais, alguém só vai saber que as palavras têm significados diferentes, se se comunicar em por algum tipo de linguagem com alguém que faz parte de outra cultura, ou em algum momento no passado alguém daquela outra cultura transmitiu esse conhecimento.

Nessa concepção de linguagem a língua não é pronta e está em constante transformação. Ela foi um sistema criado pela necessidade humana de se comunicar e a escrita serve para o registro. Por mais que haja uma norma padrão da língua, no passado tanto a língua como a norma padrão eram diferentes, e pelas relações culturais entre diferentes povos outras línguas foram sendo criadas e mudadas ao longo do tempo. Ainda hoje, existem diferentes dialetos, gírias, gêneros de escrita diferentes, como por exemplo as práticas de abreviação nas redes sociais, logo, utilizamos diferentes tipos de linguagem para diferentes relações sociais, ou seja, diferentes pessoas e ocasiões, e aprendemos com elas.

São essas interações entre língua e sujeito que dão a oportunidade de transformação e aprendizado, pois segundo Savian (2013, p. 39), “é nas condições e dimensões da produção dos sentidos que os conhecimentos se elaboram”. É também a partir dessas relações que os sujeitos se tornam atores na sociedade e construtores de cultura.

Vigotski foi um psicólogo russo que liderou o grupo de pesquisa que criou a abordagem da psicologia histórico-cultural, do qual faziam parte Alexander Luria e Alexei Leontiev. Nessa abordagem o desenvolvimento do ser humano é mediado pela cultura e pelas relações sociais. Dessa forma, através da cultura, algo que foi criado há muitos anos, como a língua, ainda está presente de forma fundamental na sociedade, mas alterada pelas transformações pelas quais passou ao longo do tempo.

Para Vigotski, o que nos torna humanos e nos difere das outras espécies é nossa vida em sociedade e a linguagem. Para ele nosso psicológico é constituído pela linguagem que nos coloca em relações sociais, são elas que regulam nossa visão sobre nós mesmos, sobre os outros, nossos modos de ser e agir, nossos sentimentos, também como nos vemos e sentimos em relação ao mundo. Em seu desenvolvimento a criança está em constante interação com adultos, isso faz com que ela aprenda como fazer, o que fazer, como se

expressar, dando sentido a conhecimentos que foram produzidos e acumulados historicamente. (FONTANA e CRUZ, 1997)

Segundo Vigotski, o homem cria instrumentos para auxiliar suas interações com a natureza. Ele usa lança para caçar, arado para plantar, o prato para comer. Esses instrumentos, ampliam as possibilidades de interação com a natureza e as facilitam. Essas ações transformam tanto a natureza, quanto as formas de agir do homem.

Além desses instrumentos físicos, há também os instrumentos psicológicos, chamados por ele de signos. De acordo com Fontana e Cruz (1997, p. 59), “tudo o que é utilizado pelo homem para representar, evocar ou tornar presente o que está ausente constitui um signo: a palavra, o desenho, os símbolos (como a bandeira ou o emblema de um time de futebol), etc.” Esses signos transformam internamente o psicológico. Esses signos são registros que auxiliam no raciocínio, na memória, imaginação, resolução de problemas e diversas outras coisas.

É importante salientar que todos os tipos de instrumento, inclusive os signos e seus modos de uso são construídos e modificados historicamente e quando usamos também estamos incorporando experiências culturais historicamente produzidas e que são transmitidas para o outro através das relações sociais.

A linguagem para o autor, é um sistema simbólico básico, que é produzido historicamente, a partir da necessidade de comunicação, conhecimento e resolução de problemas, é um processo pessoal e social, base da atividade mental humana (FONTANA e CRUZ, 1997). A linguagem não é natural, ela é produção da cultura humana e a partir das relações com o outro ela passa a se integrar com nossa forma de ver o mundo.

A linguagem escrita possibilita a ampliação da capacidade humana de registro, transmissão e recuperação de ideias, conceitos e informações. Dessa forma, ela serve de signo auxiliar para a memória, é uma função que se realiza culturalmente por mediação, ou seja, presume a habilidade de usar algum instrumento como uma linha ou um ponto, que não tem significado se analisado individualmente e sua aprendizagem se dá pelo contato no ambiente social da criança (LURIA, 2001).

Vigotski e Luria estabelecem duas fases de elaboração da escrita: a fase pré-instrumental e a fase instrumental. Na fase pré-instrumental a criança ainda não compreende o mecanismo da escrita, é algo externo a ela. Já na fase instrumental a escrita se torna simbólica, a criança se relaciona com a escrita como um instrumento a serviço da memória, quando um rabisco não diferenciado se torna um signo diferenciado (LURIA, 2001).

Tomando esses pressupostos como princípio epistemológico, Smolka (2012) cunhou a concepção de alfabetização como processo discursivo. Em seu livro *A Criança na Fase Inicial da Escrita - A alfabetização como processo discursivo* (2012), Ana Luiza Bustamante Smolka mostra o percurso de seu trabalho até criar o conceito de alfabetização como processo discursivo. Ela analisa quais são os processos e estratégias utilizadas por crianças na pré-escola.

A autora inicia dizendo que há uma ideologia de “democratização do ensino” que prega que as crianças serão alfabetizadas se frequentarem a escola, entretanto, esses anúncios de que existe lugar para todas as crianças dentro da escola, dificulta a alfabetização pelas condições da escola, de forma que as práticas pedagógicas calem os alunos.

Nesse momento em que existia o mito da incompetência do professor, nos anos 60 e 70, o livro didático passou a ser fundamental. Segundo Smolka, 2000, p. 17:

O livro didático é apresentado para o aluno como uma “fonte de conhecimento do mundo”, ao invés de ser um dos objetivos de conhecimento no mundo. E as atividades de leitura e escrita, baseadas no livro didático, são totalmente desprovidas de sentido, e totalmente alheias ao funcionamento da língua, contrastando violentamente com as condições de leitura e escrita das sociedades letradas e da indústria cultural de um final do século XX.

Ainda hoje, o livro didático é visto como uma fonte de conhecimento de mundo, mesmo 50 anos depois, mesmo com a disseminação da internet as cartilhas ainda são muito utilizadas. Inclusive na última escola que trabalhei, tradicional e católica, que em uma sala de primeiro ano era cobrado das crianças que seguissem um ritmo de aprendizagem quase que único para toda a turma, utilizando o livro didático, que de nada relacionava a linguagem com suas vidas.

Quem não seguia esse ritmo esperado levava reforço para casa, mas na sala iam ficando “para trás”. Faziam as provas, se fossem reprovados, repetiam de ano.

Logo, Smolka (2012) critica essa concepção de ensino de Alfabetização Tradicional, pois suas as práticas pedagógicas restringem e limitam o processo de elaboração da escrita:

[...] a escrita, sem função explícita na escola, perde o sentido; não suscita, e até faz desaparecer o desejo de ler e escrever. A escrita, na escola, não serve para coisa alguma a não ser ela mesma. Evidencia-se uma redundância: alfabetizar para ensinar a ler e escrever e a escrever. (SMOLKA, 2012, p. 49)

A autora discute por que mesmo os professores se esforçando tanto as crianças não aprendem. E a resposta dada é que se não for analisada seus métodos e práticas de ensino a culpa sempre será atribuída a criança. A autora propõe que a alfabetização seja processo de construção, interação e interlocução das crianças e que seja levada em consideração suas necessidades e a vida delas fora da escola.

Para ela é preciso considerar as relações existentes em sala de aula, considerar o ponto de vista da criança que aprende e seus processos de elaboração do conhecimento sobre a escrita (SMOLKA, 2012). Além de criticar a Alfabetização Tradicional, Smolka também critica a Alfabetização Construtivista:

Nesse sentido, as análises epistemológicas de Ferreiro, Teberosky e Palácio não podem dar conta, em termos político-pedagógicos, do fracasso da alfabetização escolar. [...] Elas mostram mais um fator que precisa ser conhecido e observado no processo de alfabetização, mas não resolvem – nem pretendem resolver – o problema (SMOLKA, 2012, p. 79).

Desta forma, Smolka (2012), mostra que, ao contrário do que prega o construtivismo, o aprendizado é sempre mediado, seja pelo professor, por gestos, por desenhos, ou pela própria linguagem falada, porque as crianças desenvolvem e usam uma variedade de modos e recursos para interpretar e fazer sentido da escrita.

CAPÍTULO IV- A COMPREENSÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS POSSIBILIDADES DE ENSINO DA LÍNGUA ESCRITA PARA AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

Nesse capítulo apresentaremos os enunciados sobre como os alunos da disciplina EP471- Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita, turma B elaboraram sobre o conceito de alfabetização no início da disciplina e no final; quais práticas de ensino da língua escrita eles acreditavam ser possíveis de trabalho junto as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental

A pesquisa aconteceu no contexto da disciplina do período noturno, do primeiro semestre do ano de 2022, da Faculdade de Educação da UNICAMP, ministrada pela professora Cláudia Ometto, em um quinto semestre do curso de Pedagogia. Nessa disciplina tive a oportunidade de ser bolsista PAD (Programa de Apoio Didático).

Na ementa da disciplina criada pela Faculdade de Educação está estabelecido como conhecimentos da escrita, lugares de produção, circulação divulgação e seus usos, estudos do ensino da língua, alfabetização e letramento. Já os objetivos estabelecidos pela professora que ministrou a disciplina incluíam: formar futuros professores fazendo problemáticas relacionadas à linguagem, à alfabetização, aos métodos de ensino da leitura e da escrita utilizados nas práticas escolares e às práticas sociais de leitura e escrita.

A professora tinha como proposta de ensino o papel social da escrita, a leitura e escrita como processos de interação verbal, a história da escrita e da leitura, teorias sobre os processos de aquisição da escrita, métodos de alfabetização, concepções sobre letramento e alfabetização, dentre outros.

Em todo início de aula era realizada a leitura de um livro de literatura infantil pela professora, as aulas eram expositivas-dialogadas e nesse processo os estudantes tinham a oportunidade de estabelecer relações entre a teoria do que estavam aprendendo com o que vivenciavam na prática dos estágios e também com os materiais literários apresentados.

Para realizar esta pesquisa, entrevistei alguns estudantes que estavam cursando a disciplina. Havia alunos de diferentes semestres do curso uma vez que não há pré-requisito para cursá-la. Foram realizadas duas entrevistas com as mesmas perguntas – no início e no final do semestre – para pudéssemos

compreender o posicionamento dos estudantes antes e depois do conteúdo estudado. A seguir apresento as questões:

- 1- Em qual semestre do curso você está?
2. Você já cursou alguma disciplina de alfabetização antes dessa que está cursando agora?
Se a resposta for não, ir direto para a questão 2.d e depois para 3
Se a resposta for sim, fazer as questões:
 - 2.a O que você destacaria como aprendizado na disciplina cursada?
 - 2.b. Você estudou alguma concepção de linguagem e também de alfabetização naquela disciplina? Qual, quais?
 - 2.c O que você está cursando agora que se difere do cursado na disciplina anterior?
 - 2.d. Você pretende, ainda, cursar outra disciplina de alfabetização caso seja oferecida uma eletiva?
- 3- Você já teve contato com crianças que estão no processo de alfabetização na condição de auxiliar de sala ou de professor? Como você trabalhava para alfabetizar? Dê um exemplo.
4. Diante do estudado nesta disciplina como você definiria o conceito de Alfabetização, ou seja, o que é alfabetização para você?
5. Do conteúdo abordado na disciplina, o que mais lhe chamou a atenção em termos conceituais?
6. Do conteúdo abordado na disciplina, o que mais lhe chamou a atenção em termos metodológicos?
7. O que você acha que a escrita representa para a criança, ou seja, para que serve a escrita na perspectiva das crianças?
- 8- Quais práticas você, como professor alfabetizador, acredita que sejam importantes que existam em sala de aula?
9. Cursar essa disciplina mudou alguma concepção prévia que você tinha sobre o que é alfabetização/alfabetizar?

A partir desse roteiro cinco estudantes foram entrevistadas e alguns trechos de suas falas foram destacados em 6 categorias: Percepções iniciais sobre o conceito de alfabetização; Percepções finais sobre o conceito de alfabetização; Possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças dos anos iniciais; Concepção dos estudantes sobre língua enquanto sistema; Concepção dos estudantes sobre a potência da literatura para o processo de alfabetização e Importância do papel do professor como mediador para os estudantes.

4.1. Percepções iniciais sobre o conceito de alfabetização

A seguir serão apresentadas as concepções iniciais do conceito de alfabetização dos estudantes da disciplina EP471- Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita, incluindo como eles enunciavam o trabalho para alfabetizar.

“Então ah eu trabalhava no começo com as famílias silábicas. porque foi assim que eu aprendi e aí eu fui desse jeito, mas depois disso eu comecei a ir com ela todos os dias na biblioteca da escola e todos os dias a gente pegava um, às vezes dois livros e lia juntas. [...] E aí a gente começou a ler muito mais livros e escrever coisas que coisas que ela gostava. Escrever sobre coisas que eram importantes pra ela”. (Isadora², 20/05/22)

“Mas trabalhar com as famílias silábicas quando necessário. Então lembrar eles de como é o B, quando você estiver escrevendo alguma coisa e eles esquecerem o som das letras, da sílaba, lembrar isso. Mas não passar tipo, aí as famílias silábicas B, C, D, F, G, H e todas assim pra criança fazer alguma lista infundável de exercícios e achando que isso ela vai aprender a ler. Então eu não faria mais isso, acho que ninguém vai ganhar nada com isso. Eu e penso muito mais em trabalhar com o livro de fato, né? Que é a literatura infantil é tão maravilhosa”. (Isadora, 20/05/22)

“Porque na minha cabeça era aquilo mesmo de chegar lá, C mais A = CA. Eu tinha medo dessa disciplina, achei que a gente ia aprender a alfabetizar a criança dessa forma. Você entra na Unicamp você vê que as coisas são sempre variáveis então eu imaginei né que podia ter um pezinho ali numa reflexão, mas não imaginava que era assim, não imaginava que tinha outras concepções de alfabetização, de ensino”. (Renata, 20/05/2022)

“Então pra mim é isso mesmo, (a alfabetização) é levar a criança a entender algo que é instituído, né?” (Renata, 20/05/2022)

“Se o L não estiver com A, se o A não estiver com L eles são coisas diferentes. E se eu colocar um uma outra letra, um outro símbolo, qualquer outra coisa, não vai apresentar aquilo, né? Então pra mim esse é o processo, esse eu acho que consegui transformar essas etapas, esses símbolos e coisas que eles de fato representam, né?” (Allan, 30/05/2022)

“Então eu sempre sofria um pouco porque eu não sabia se eu estava de fato ajudando ou se eu só estava, tipo fazendo pra que ela [criança] resolvesse logo, sabe? Na medida do possível eu creio que sim, eu creio que forçando ela a ler, forçando ela a juntar palavras, ajudando ela a juntar sílabas mesmo pra formar palavras, mas eu sempre me peguei perguntando se eu estava realmente ajudando ou se eu estava por exemplo forçando ela,

² Os nomes são fictícios para preservar as identidades dos sujeitos.

fazendo pra ela algo além do que ela deveria fazer”. (Allan, 30/05/2022)

Analisando essas falas, é possível perceber que a concepção inicial de alfabetização da maioria dos estudantes era a Alfabetização Tradicional. Isadora, Renata e Allan, relatam que a primeira prática que utilizaram para alfabetizar foi a silabação. Eles enxergavam a língua como código, e quando Isadora diz: “Então ah eu trabalhava no começo com as famílias silábicas porque foi assim que eu aprendi” ela mostra que essa foi a forma como aprendeu a ler e escrever. Já Renata, que por ter aprendido dessa maneira, acreditava que essa era a única forma de alfabetizar: “Porque na minha cabeça era aquilo mesmo de chegar lá, C mais A = CA. Eu tinha medo dessa disciplina, achei que a gente ia aprender a alfabetizar a criança dessa forma”. Ela relata medo de ter que alfabetizar assim (...). Isadora também faz uma crítica à Alfabetização Tradicional, de professoras acham que para aprender as crianças precisam de fazer exaustivos e repetitivos exercícios.

Logo, esses três estudantes, iniciando como alfabetizadores, reproduzem a forma com que foram ensinados quando era criança, mas com a prática começam a se questionar, se realmente aquela era a melhor forma de ensinar.

Esse questionamento também acontece devido ao início da disciplina, em começam a ver a alfabetização de outra forma e com outras possibilidades como mostram Isadora e Marina:

“Alfabetização agora com essa disciplina, né? Eu vejo que é o processo de apropriação da língua, mas não só da língua, tipo só escrever, mas dos significados que ela tem, então de aprender a interpretar o que está escrito, significa né? Então não adianta só saber ler o que está escrito”. (Isadora, 20/05/22)

“Alfabetização eu acho que é um é um processo, eu entendo um processo de aquisição não só da leitura e da escrita, mas também de interpretação do mundo porque é um novo jeito que as crianças vão ver o mundo e se relacionar com ele e eu acho que é muito importante nesse momento pra desenvolver a autoestima delas também pra depois, a relação delas com a leitura. Eu acho que é muito essencial no momento, porque eu vejo que eles têm tanto interesse e às vezes eles são meio que podados, porque agora a gente não vai ler, agora a gente não vai poder tocar. Então, eu acho que isso também faz parte de alfabetizar. É, você interpretar o mundo, né? Não é só aprender os códigos lá, as letras, porque isso eles já sabem, pelo menos na minha turma, é mais questão de: pra que ler e escrever?”. (Marina, 20/05/2022)

Como pode ser visto, ambas veem a alfabetização como além da linguagem como código, veem como novas formas de interação, um novo mundo, uma linguagem cheia de novos significados, como acreditam Geraldi e Vigotski.

A seguir serão apresentadas as concepções finais do conceito de alfabetização e o que a disciplina mediou nessa transformação de concepção dos estudantes da disciplina EP471 - Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita.

4.2. Percepções finais sobre o conceito de alfabetização

Mudou porque aquilo que eu acho que eu falei no começo do que alfabetização é só mais uma parte do letramento né? Ele é só mais uma parte que a criança vai aprender. Não é um todo. Então acho que mudou. Mudou sim. Bastante. Mas mudou a minha perspectiva de olhar pra criança e ver como ela se como fosse um papel em branco sabe? Tudo que eu depositasse lá era o que ela ia aprender. Não. Ela já vem com conceitos prévios e na verdade o que eu vou fazer é só moldar aquilo que ela já sabe. Moldar de uma forma diferente pra que ela aprenda a se comunicar através da escrita, né? Que ela consiga ler né? O que está escrito na frente da escola que ela está. (Taciele, 15/07/2022)

Alfabetizar pra mim é fazer com que a criança entre em contato com aquilo que ela já sabe. Só que introduzir ela dentro do sistema da escrita. (Renata, 08/07/2022)

Taciele e Renata destacam após cursarem a disciplina importância de os professores alfabetizadores considerarem os conhecimentos de vida da criança quando forem ensiná-las, visto que todos nós, inclusive as crianças, estamos inseridos em uma sociedade letrada. Elas estão em contato com: rótulos de alimentos, placas na rua, cardápios, telas, livros etc. mas o sentido que eles relacionam com as letras, não é o mesmo do nosso, que entendemos o sistema.

Alfabetização eu vejo como a apropriação dos sujeitos, da língua escrita que a gente tem mas também de tudo que cerca ela então se você se alfabetiza você pode ler, você pode escrever e aí você pode se comunicar deixar coisas registradas então a alfabetização é apropriação da cultura escrita e de tudo que vem junto com ela porque partir da alfabetização que você tem a oportunidade de acessar coisas que você não teria se você não fosse alfabetizado. Então a apropriação de um objeto cultural

que te dá acesso a muitas outras coisas. (Isadora, 08/07/2022).

Isadora tem essa mesma percepção, ela ressalta que existe uma cultura letrada e quando a criança aprende a ler e a escrever, ele se apropria dela, é como se ela começasse a participar de um novo mundo, com novas possibilidades de interação, comunicação e registro.

Fica muito claro nas falas a seguir como a disciplina mudou a concepção de alfabetização dos estudantes:

Mudou essa concepção de que eu achei que era uma receita pronta e não é na verdade. É mais uma escolha metodológica. Uma escolha de sentido que é pra você também, né? Que depende de como você compreende também a linguagem, né?
- Como que é pra você? [pesquisadora]
Pra mim é discursivo. Eu acho que a linguagem é algo que está no sujeito, na interação”. (Renata, 08/07/2022)

Eu tinha uma coisa mais assim com Vigotski e aí quando eu comecei a estudar um pouco Ferreiro eu falei nossa que interessante, aí no final eu falei é, realmente o interessante é Vigotski, volta pra isso aê. Então é basicamente isso é entender esse processo de intervenção né? Ela, Emília Ferreiro, num primeiro momento eu achei nossa que legal deixar a criança por si só chegar na resposta, no segundo momento eu falei, mas será que isso não é cruel muitas vezes? Primeiro que você parte de um princípio de que todas as crianças daquela sala estão numa mesma etapa e elas tem o mesmo ritmo, né? E etc. o que não é uma realidade. Segundo porque você corre o risco de por exemplo uma criança mais tímida, mais retraída, não se manifestar e você acabar esquecendo que essa criança também está ali. (Allan, 14/07/2022)

Renata tinha uma concepção tradicional de alfabetização, que para alfabetizar era necessário seguir um método, uma “receita pronta”. Depois da disciplina ela muda para a concepção discursiva de alfabetização que se dá pela interação entre os sujeitos. Já Allan, demonstra que no início da disciplina se interessou muito pela alfabetização construtivista de Emília Ferreiro, da aquisição da linguagem escrita de forma natural e sem intervenções, mas foi percebendo que existem diferenças no ritmo de aprendizado dessas crianças e outras coisas a serem levadas em consideração além da maturação biológica.

A seguir serão apresentadas as possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças dos anos iniciais criadas, destacadas, pelos estudantes.

4.3. Possibilidades de ensino da língua escrita para as crianças dos anos iniciais

Algo muito presente na fala dos estudantes como possibilidade do ensino da língua escrita foi trazer para escola materiais e motivações da vida das crianças:

Eu gostei muito de quando a professora deu os exemplos de pensar escrever a partir de um motivo. Ela deu exemplo de escrever o convite pra festinha do Dia das Mães na escola e aí chegar nas crianças a primeira palavra é mamãe aí má tem alguém na sala que o nome começa com Ma? E escrever uma coisa com sentido a partir de coisas que eles já sabiam e ir buscando essas referências pra escrever algo que tinha um propósito ali e é muito mais significativo. Então eu acho que eu tenho assim a pretensão de trabalhar dessa forma né? De escrever com eles coisas que tenham sentido e construindo apoios né? (Isadora, 20/05/22)

Eu achei muito legal uma coisa que me marcou muito foi ela ter da questão de trazer, por exemplo, o rótulo de alimentos, sabe? Marca. Porque isso realmente todo mundo já viu, né? Então faz com que a criança entenda que aquilo faz sentido. (Renata, 20/05/2022)

Mas eu queria muito levar elas pra lugares tipo assim um passeio pelo bairro ou por algum mercado ou alguma coisa assim que aí a gente conseguisse ver sabe? Oh que que está escrito aqui? Por que que você acha que está escrito aqui sabe? Até no cinema mesmo, né? Lugares que ela já frequenta lá. Sim. Que aí faz mais sentido. [...] Eu vou fazer música nossa eu ia amar fazer com música porque eu sou apaixonada por música e eles também, porque eles cantam o tempo inteiro e isso em todas as salas porque eu vejo que as crianças gostam muito né? Então música é mais essa parte artística e lúdica. (Renata, 20/05/2022)

O contato com a leitura de todo tipo. Então literatura, textos variados, contos, textos informativos, imagens também, todo tipo de texto que comunique. E isso mesmo antes de alfabetizar, da criança estar alfabetizada. Porque esse contato vai mostrando na prática, na vida real, tudo que a escrita oferece. Então mostra a importância de aprender a escrever. Então é como se fosse um motivador pra criança também, né? (Isadora, 08/07/2022)

Quando os estudantes sugerem como prática escrever junto as crianças o convite da festa do Dia das Mães, ler rótulos de alimentos, ler letras de músicas, textos informativos e andar pelo bairro lendo e analisando o que está escrito, eles têm a intenção de mostrar a importância da linguagem escrita e

como é sua utilização. Esses estudantes entendem a linguagem para além de um código. Para eles, só ensinar como codificar/decodificar símbolos gráficos não é o suficiente, eles precisam trabalhar as potencialidades dessa linguagem na qual as crianças já estão inseridas. Logo, é muito mais fácil entenderem algo que já conhecem (como os rótulos) e aprenderem algo para sua serventia (como o convite), do que utilizarem métodos prontos e repetitivos que se relacionam muito pouco com o que já conhecem da sociedade letrada que estão inseridos.

Outra prática que foi muito citada pelos estudantes foi ouvir mais as crianças no processo de aprendizagem:

Eu me apego muito no que a Ometto falou de ouvir mesmo as crianças né? Ela até fala que quando ela passou a ouvir os alunos dela ela foi uma professora, se transformou numa professora melhor. (Taciele, 15/07/2022)

Então eu mesmo como estagiária e não tendo lá muita oportunidade eu sempre tentava ouvir o que eles estavam me falando mesmo, pra poder praticar com eles, porque não adianta vir com vozes da minha cabeça, e as vozes da minha cabeça não vai nada de acordo com a criança. Ela vai achar aquilo um saco. Então eu acho que é ouvir as crianças. (Taciele, 15/07/2022)

A gente tem que ouvir a criança ouvir o que ela o que ela espera, o que que ela está buscando porque muitas vezes muitas vezes a criança ela é negligenciada em casa né? Sobretudo num conceito de educação pública num contexto de educação pública a criança muitas vezes ela o único lugar que ela tem de socialização é em casa é na escola porque em casa o pai trabalha a mãe trabalha ela fica sozinha. [...] Você precisa de alguma maneira apontar caminhos e dar respostas porque ela senão ela vai se sentindo negligenciada de novo né? Então eu acho que é isso. É escutar e intervir, acolher e sempre dar uma resposta. (Allan, 14/07/2022)

Ouvir as crianças é muito importante, como destacado por Taciele e Allan, pois elas são o centro da aprendizagem, elas não são como um papel em branco que absorve o conteúdo, elas já vão para a escola com grande conhecimento de mundo e é com esse conhecimento que relacionado com o que é ensinado na escola começa a fazer sentido para ela.

Taciele menciona que a professora da sala em que era estagiária não “dava muita abertura” para ela em sala e com isso o que ela poderia fazer era ouvir seus alunos. Dessa forma, ela respeitava as individualidades de cada um

e ajudava eles em suas necessidades. Fazendo isso ela se sente segura e respeitada. Quando isso não ocorre, a criança se sente negligenciada, como disse Allan, o que pode gerar um sentimento de frustração muito forte e afetar o desempenho da criança.

Com isso, os alunos começam a acreditar que só existe uma forma de aprender e a se comparar com os outros, ao invés de comparar com si mesmos. Cada um de nós temos nossa realidade e individualidade, cada processo de aprendizado é diferente, e isso se relaciona com a fala de Allan:

Olha, eu vou, isso aqui é parte de um processo, né? E esse processo, ele vai seguir esse caminho. Então não menospreze onde você estava porque ela é fundamental pro avanço né? É isso, tipo conseguir sistematizar essas etapas e entender a importância de cada uma delas. (Allan, 30/05/2022)

Como professores, não podemos esquecer que a aprendizagem é um processo e que o erro faz parte, diferente do que o ensino Tradicional prega. O resultado é só uma parte desse processo, processo que deve ser respeitado e valorizado, porque um bom resultado vem com muito esforço. Quando o processo dos alunos não é respeitado e eles são extremamente cobrados por resultados, eles não conseguem se concentrar no que devem fazer no momento para que esse resultado seja alcançado e o processo se torna muito mais árduo e doloroso.

4.4. Concepção dos estudantes sobre língua enquanto sistema

A seguir serão apresentadas as vivências e opiniões sobre língua enquanto sistema, enunciadas pelos estudantes.

A professora passa e ela usa um método bem cartilhado muitas das vezes e aí as crianças não entendem elas recorrem a mim. Aí eu tento conversar com ela, mas na maioria das vezes não dá pra trazer aquilo mais semântico e tal. Tem que trazer uma coisa como a professora está fazendo e é bem difícil porque aí na verdade elas acabam ficando presas nisso e elas não entendem e eu não consigo fazer mais nada, porque senão foge daquilo que a professora está passando e é isso, aí a gente vai lá repetindo não ó volta aqui escuta o som de novo olha só como o seu colega está fazendo tá e assim vai. (Renata, 20/05/2022)

E agora eu percebo mais como trabalhar a alfabetização a partir das coisas que estão ali na vivência das crianças é um caminho que me parece menos cheio de lombadas assim mais tranquilo pras crianças porque é o que elas veem no dia a dia fora da escola também e aí se relaciona com a vida então elas não veem aquilo só com uma coisa dentro da escola vem aquilo como uma coisa da vida delas e aí parece que vai de uma forma muito mais natural e não tão turbulenta quando seria se a gente fosse eh pelo método de decorar e de lembrar as coisas tipo pras famílias sei lá por causa dos sons decorar essas coisas que me parece muito mais trabalhoso e não tem tantos efeitos positivos, né? Não dá pra ver tanto a evolução das crianças nesse sentido. (Isadora, 08/07/2022)

Renata e Isadora criticam a linguagem como código com a justificativa de que aquilo que era ensinado nas escolas em que atuavam como estagiárias era repetitivo e maçante, de nada relacionado com a vivência daqueles estudantes, ou com a utilidade da língua. Todavia, Isadora percebe que relacionando o ensino às vivências dos estudantes o ensino se torna muito mais efetivo e prazeroso.

A teoria ela é muito simples né. Quando você lê, você fala, beleza, é isso, maravilha. Só que na prática, você tem uma série de pormenores que só descobre lá. Que não vende um livro explicando. Não tem o controle também. Se a gente pensar na alfabetização mais tradicional, a questão da cartilha que é o método, só que é só o método, né? É, você ensina a criança a copiar muitas vezes, né? Uma das crianças com que a gente trabalhou nessa atividade era isso. A criança o caderno dela todo escrito quando você fala assim é necessário escrever ela falou não, não sei eu copio o que a professora passa na lousa. (Allan, 14/07/2022)

Allan também critica o ensino Tradicional em relação ao método e à prática excessiva da cópia. Segundo ele, pelo ensino Tradicional, na teoria só é necessário pedir para os estudantes responderem as cartilhas, mas que na prática só o método não é suficiente para o aprendizado efetivo dos alunos. Ele também critica o fato de que professores adeptos do ensino Tradicional pedem para seus alunos fazerem muitas cópias desnecessárias, durante o tempo que poderiam estar exercitando a escrita da língua.

4.5. Concepção dos estudantes sobre a potência da literatura para o processo de alfabetização

A seguir serão apresentadas as opiniões dos estudantes sobre a potência da literatura para o processo de alfabetização.

Eu acho que o contato com a leitura e o contato com a leitura de todo tipo. Então literatura, eh textos variados, contos, rápidos, textos informativos, imagens também, todo tipo de texto que comunique. E isso mesmo antes de alfabetizar, da criança estar alfabetizada. Porque esse contato vai mostrando na prática, na vida real, tudo que a escrita oferece. Então mostra a importância de aprender a escrever. Então é como se fosse um motivador pra criança também, né? Então acho que o contato com diferentes textos, diferentes formas de comunicar algo. É muito importante, especialmente na etapa da alfabetização. (Isadora, 08/07/2022)

Isadora destaca em sua entrevista como a literatura é imprescindível na infância. Ela é excelente para o desenvolvimento da criatividade e imaginação da criança desde muito antes da idade de ser alfabetizada. Como disse a estudante, a literatura mostra na prática a utilidade da linguagem escrita e entrar nesse mundo antes de entender o sistema alfabético é necessário, pois quando eles iniciam no Ensino Fundamental e começam a aprender ele, já entendem sua importância.

Algo que pessoalmente foi muito especial para mim e para os outros estudantes da disciplina, segundo meus registros de diário de campo durante a disciplina e também mencionado na entrevista de Isadora, foram as leituras realizadas nas aulas:

Eu penso muito mais em em trabalhar com o livro de fato, né? Que é a literatura infantil é tão, tão maravilhosa. Acho que é uma coisa que eu ganhei muito na faculdade e especialmente com a professora Cláudia. Né? Que ela sempre traz a literatura e como ela tem muito significado pras nossas aulas também vejo que ela tem muito significado pras crianças. Então além de trabalhar a alfabetização não é pra trabalhar com os assuntos que cotidianos que elas estão vivendo né? Então é uma coisa muito importante acho especialmente nessa idade. (Isadora, 20/05/2022)

Em todas as disciplinas que a professora Cláudia ministra, ela realiza a leitura de um livro de literatura infantil no início da aula. E pessoalmente foi muito

incrível isso para mim. Quando nos tornamos adultos lemos de forma constante, mas muitas vezes deixamos de lado a literatura (o que foi mencionado pelos estudantes em aula também) e quando a professora lia era como se eu saísse da minha realidade e visitasse um mundo da imaginação. Eu ficava feliz, chorava, as histórias sempre me causavam emoção. Acredito que nenhum tipo de mídia pode causar mais emoção que a literatura, pois nela pode ser registrado tudo: detalhes, sentimentos e aparência de cada um dos personagens e do narrador.

A experiência da leitura de literatura é incrível e fez com que eu lesse mais para as crianças com que trabalhei assim como aconteceu com Isadora.

4.6 Importância do papel do professor como mediador para os estudantes.

Apresentaremos, a seguir, os destaques dos estudantes sobre a importância do papel do professor como mediador nos processos de alfabetização junto às crianças.

Em termos conceituais eu acho que o que mais me chama atenção é sempre a intervenção né? O quanto a nossa intervenção no processo de aprendizagem, no processo de apreensão da alfabetização pode ser potencializador. O quanto a gente pode auxiliar nesse processo e o e isso mostra mais uma vez a importância do papel do professor. Porque não é que sem o professor a criança não vai aprender nunca algo. Ou qualquer outra pessoa ela pode aprender. Mas o professor tem um papel importante em mostrar caminhos e ajudar em dúvidas e tornar esse caminho mais suave do que ele seria talvez se não tivesse ninguém a quem recorresse. Por exemplo só fosse aprender algo a partir de um livro. Com um professor isso é facilitado. O professor tem formas de agir intencionalmente pra facilitar esse processo. (Isadora, 08/07/2022)

A criança ela corre o risco de num processo de você não fazer uma intervenção pra que ela chegue sozinha, essa criança não se sinta acolhida. E aí assim, e o vínculo entre professor e criança, como é que fica, né? Esse vínculo ele é estabelecido na maior parte das vezes pelo um processo de escuta e de intervenção etc. (Allan, 14/07/2022)

Segundo Luria (2001), a escrita pode ser definida como uma função que se realiza culturalmente, por mediação. Dessa forma, o ser humano aprende à

medida que se relaciona com o outro. O professor conhece o sistema alfabético que foi construído historicamente e estuda para sempre conhecer novas possibilidades de auxiliar o estudante a aprender algo que ele professor já sabe.

Allan destaca que com a intervenção a criança se sente acolhida e mais segura para aprender. Ele também comenta em uma parte da entrevista que foi citada anteriormente, que quando a criança fica sem resposta ela se sente negligenciada e isso realmente acontece. Porque se uma criança pergunta algo e o adulto não pode responder, ela se sente frustrada, quer saber a resposta, não sabe como aprender sozinha e ninguém pode ajudá-la. Como Isadora menciona, com a mediação do professor esse processo se torna muito mais suave.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi muito importante em minha formação. Fui uma das estudantes da disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471) em outro semestre e poder revisita-la como PAD (Programa de Apoio Didático) me ajudou muito no meu autoconhecimento e formação acadêmica. Sempre fui apaixonada pelo processo de aquisição da língua escrita e era algo que eu tinha interesse de pesquisar desde o início da graduação. Entretanto, escrever para mim sempre foi algo muito difícil, me causou muita ansiedade, ataque de pânico e até depressão durante a vida acadêmica.

Quando eu cursei a disciplina eu redescobri a linguagem, percebi o quanto ela é plural, o quanto é bom escrever e registrar, que não é um processo fácil, mas é recompensador. Também percebi que grande parte da minha ansiedade estava relacionada ao Ensino Tradicional que eu fui ensinada. Para mim, a escrita era penosa pois era sempre para um outro julgar. Os exercícios de escrita nunca eram para forma prática da língua e sim para correções ortográficas e a maior parte do tempo que passávamos na escola era fazendo cópias. Logo, eu não sabia o quanto a concepção de ensino dos meus professores poderia me afetar como adulta.

Isso fez com que eu me interessasse pela concepção de alfabetização dos estudantes e a diferença que a disciplina fez em suas vidas. Com isso tive o objetivo de analisar a concepção do processo de alfabetização dos alunos de Pedagogia da UNICAMP que cursaram a disciplina Escola, Alfabetização e Culturas da Escrita (EP 471 - Turma B) com a professora Cláudia Ometto, durante o primeiro semestre do ano de 2022.

No primeiro capítulo fiz uma breve explicação sobre a Linguagem como Instrumento de Comunicação e a Alfabetização Tradicional; o segundo sobre a Linguagem como Expressão do Pensamento e a Alfabetização Construtivista; o terceiro sobre a Linguagem como Forma de Interação e a Concepção Discursiva de Alfabetização e o último sobre a compreensão dos estudantes sobre as possibilidades de ensino da língua escrita para os anos iniciais.

A maioria dos estudantes entrevistados relataram que a concepção inicial deles era a Alfabetização Tradicional principalmente por terem sido alfabetizados dessa forma. Alguns deles nem imaginavam que existiam outras concepções.

Esses estudantes, quando começaram a ir a campo como alfabetizadores agiam da forma como foram alfabetizados e utilizavam majoritariamente o método de silabação. Isso pode ser justificado, como já foi mencionado no texto, pelos métodos tradicionais terem sido a única forma de alfabetização até a década de 1980.

Contudo, os estudantes perceberam que utilizar somente os métodos não era suficiente para um ensino eficaz e começaram a ter outras práticas, como ler mais coisas do cotidiano, como rótulos, placas e livros de literatura e dar mais voz aos seus estudantes em sala de aula, mesmo que eles fossem estagiários e tivessem pouca autonomia.

Depois de aprenderem um pouco mais sobre a linguagem como código e sobre a Alfabetização Tradicional aprenderam sobre Alfabetização Construtivista. Nesse momento os estudantes ficaram muito surpresos e na entrevista disseram que mesmo não concordando, foi a que mais lhes chamou atenção. Isso ocorreu principalmente porque segundo Ferreiro e Piaget, a aprendizagem da linguagem escrita um processo de construção individual e por isso não deve haver interferência do professor ou do meio e que a aprendizagem depende da ação do sujeito (no caso o aluno) sobre o objeto de conhecimento (no caso a língua escrita). O foco está no sujeito que aprende e o professor é um facilitador que cria situações para que ele o estudante aja sobre o objeto de conhecimento.

A última concepção que aprenderam e que fez mais sentido para eles, foi a concepção interacionista de Vigotski, de que é a partir da relação com o outro que aprendemos. Podemos destacar nessa concepção a importância da figura do professor como mediador pois o professor apresenta vários novos caminhos aos estudantes para facilitar a aprendizagem.

Diante disso, a disciplina foi essencial para nossa formação como professores, pois os estudantes perceberam a grandeza da linguagem, suas formas de uso e de ensino, quando a maioria deles tinham a concepção da linguagem como código.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001

FONTANA, R.; CRUZ, N. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Seminário Alfabetização e Letramento em Debate, p. 1-16, 2006.
Disponível em: <http://nedeja.uff.br/wpcontent/uploads/sites/223/2020/05/Histria-dos-Mtodos-de-Alfabetizao-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 13 de jun de 2022

MORTATTI, M. R. L. Os sentidos da alfabetização: (São Paulo/ 1876-1994). São Paulo: Ed. UNESP: COMPED, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita – **A alfabetização como processo discursivo**. 13ª ed. Campinas: Ed. Cortez e Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SAVIAN, M. R. O. **As relações de ensino e as ações da professora frente aos alunos não alfabetizados do quinto ano do Ensino Fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Piracicaba, 176p. 2013.

VIGOTSKI, LURIA, LEONTIEV. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.